



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

### LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?

### READING, TECHNOLOGY AND SCHOOL: WHAT DO WE TEACH? HOW DO WE TEACH?

### LECTURA, TECNOLOGÍA Y ESCUELA: ¿QUÉ ENSEÑAMOS? ¿CÓMO ENSEÑAMOS?

Ueudison Alves Guimarães<sup>1</sup>, Danyelli Lacerda de Souza<sup>2</sup>, José Matias Leal Bezerra<sup>3</sup>, Lwanga de Souza Fernandes<sup>4</sup>

e422657

<https://doi.org/10.47820/recima21.v4i2.2657>

PUBLICADO: 02/2023

#### RESUMO

A importância da leitura e da alfabetização é apresentada como tema central desta pesquisa, para compreender a concepção do uso da tecnologia educacional no processo de ensino-aprendizagem e a sua importância nas dimensões do aprender a ler e escrever como prática social. Ao interpretar o quadro da sociedade leitora atual no Brasil, a escola é a principal desenvolvedora das práticas de leitura e escrita, sendo necessário que ela conheça os alunos, suas habilidades e dificuldades, de modo que todos eles possam conseguir se desenvolver na leitura por meio das tecnologias. A metodologia utilizada é de cunho bibliográfico com análise das publicações de diferentes autores e abordagem qualitativa de caráter descritivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alfabetização. TIC's. Escola.

#### ABSTRACT

*The importance of reading and literacy is presented as the central theme of this research, to understand the conception of the use of educational technology in the teaching-learning process and its importance in the dimensions of learning to read and write as a social practice. When interpreting the picture of the current reading society in Brazil, the school is the main developer of reading and writing practices, and it is necessary that it knows the students, their skills and difficulties, so that they can all develop in reading through technologies. The methodology used is bibliographic with analysis of the publications of different authors and a qualitative approach of descriptive character.*

**KEYWORDS:** Literacy. TIC's. School.

#### RESUMEN

*La importancia de la lectura y la alfabetización se presenta como el tema central de esta investigación, para comprender la concepción del uso de la tecnología educativa en el proceso de enseñanza-aprendizaje y su importancia en las dimensiones del aprendizaje de la lectura y la*

<sup>1</sup> Pedagogia – Universidade Luterana do Brasil – (ULBRA), Química – Faculdade Cidade João Pinheiro – (FCJP), Matemática – Centro Universitário Claretiano - (CLARETIANO), Geografia – Faculdade Mozarteum de São Paulo – (FAMOSP) e Física – Centro Universitário Faveni – (UNIFAVENI); Especialista em Gênero e Diversidade na Escola – (UFMT), Educação das Relações Étnico-Raciais no Contexto da Educação de Jovens e Adultos – (UFMT), Metodologia do Ensino em Química – (FIJ-RJ), Libras e Educação Inclusiva – (IFMT) e Docência para a Educação Profissional e Tecnológica – (IFES); Mestrando em Educação: Especialização em Formação de Professores – Universidad Europea del Atlántico - Espanha (UNEA), Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University) e Mestrando Nacional Profissional em Ensino de Física pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

<sup>2</sup> Graduação em Geografia pela Universidade Pitágoras (UNOPAR), Pós graduada Lato Sensu em Ensino De Geografia, Meio Ambiente E História pela Faculdade Venda nova Do Imigrante. Mestranda em Educação - Especialização em Formação de Professores pela Uneatlântico – Espanha.

<sup>3</sup> Graduação em Ciências licenciatura curta pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), licenciatura plena em Matemática pelo centro Universitário internacional (Uninter). Mestrando em Educação - Especialização Formação de Professores pela Uneatlântico - Espanha.

<sup>4</sup> Graduação em Pedagogia pela Unifran. Pós graduada em Educação Inclusiva (Famart) e Gestão Escolar pela Faculdade de Educação São Luís. Mestranda em Educação – Especialização em Formação de Professores pela Uneatlântico – Espanha.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

*escritura como prática social. Al interpretar la imagen de la sociedad lectora actual en Brasil, la escuela es el principal desarrollador de prácticas de lectura y escritura, y es necesario que conozca a los estudiantes, sus habilidades y dificultades, para que todos puedan desarrollarse en la lectura a través de las tecnologías. La metodología utilizada es bibliográfica con análisis de las publicaciones de diferentes autores y un enfoque cualitativo de carácter descriptivo.*

**PALABRAS CLAVE:** Alfabetización. TIC's. Escuela.

### INTRODUÇÃO

Sabe-se que a alfabetização é um processo que não se restringe somente ao espaço escolar, nem só ao processo de decodificação de palavras, e sim, um ato político e ideológico. O objetivo principal da educação infantil deve ser formar os alunos para um maior desenvolvimento pessoal e isso requer conhecimento, comportamento responsável e de apoio. Os conhecimentos e procedimentos, as memórias declarativas e procedimentais que um professor possui sobre sua especialidade não são transferidos para a mente de seus alunos apenas explicando-os em aula, mesmo que da forma mais atraente e estimulante que se possa imaginar. O aluno aprenderá se assimilar conhecimentos, torná-los seus, integrá-los, vivê-los de forma relevante em sua vida pessoal e profissional, utilizá-los para identificar e solucionar problemas.

Considerando a relevante importância da temática para o desenvolvimento do trabalho do docente, principalmente do alfabetizador, integrado ao contexto sociocultural e político da realidade do educando, este trabalho é justificado pela importância da escrita e da leitura no processo de alfabetização a final, a alfabetização precisa estar atrelada ao uso das tecnologias, pois não há como apenas decifrar códigos fragmentados e dissociados da realidade. E o professor tem que compreender como proceder para que os estudantes se apropriem da habilidade de contextualizar a escrita ao seu significado simbólico e cultural (FREIRE, 1996). A formação inicial oferece ao futuro professor condições de desenvolver um trabalho a contento, porém, não pode se esgotar aí, há que se expandir e aperfeiçoar o conhecimento, através do estudo bibliográfico de pesquisadores, que levem o profissional a ampliar os conhecimentos recebidos na formação inicial, o que nos motiva a pesquisar mais sobre a temática.

É de conhecimento geral que a dificuldade enfrentada pelas crianças no processo de alfabetização ocorre de maneira significativa no Brasil, em algumas situações o aluno apresenta dificuldades de aprendizagem que pode ser decorrente ao comportamento, porém, também sabemos que essa dificuldade pode ser acarretada do mediador ou da deficiência que temos em algumas redes públicas de ensino, que está ligada a formação continuada do professor. Deste modo, o objetivo desta pesquisa é apresentar a importância da escrita e da leitura no processo de alfabetização (SOARES, 2011).

Pensar na leitura na atualidade é o desafio de uma sociedade que se entende democrática, que forma cidadãos críticos e autônomos, pois, sabemos que a formação do cidadão leitor vai além



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

das paredes da escola, afinal, implica em uma compreensão crítica da realidade social, política e econômica, na qual está o alfabetizando (SOARES, 2004).

Segundo Freire e Macedo (2006), a alfabetização é muito mais que ler e escrever, pois, trata-se da habilidade de ler e escrever o mundo; é a habilidade de continuar aprendendo; é a chave da porta do conhecimento.

Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) exercem um papel cada vez mais importante na forma de nos comunicarmos, aprendermos e vivermos.

O desafio é equipar essas tecnologias efetivamente de forma a atender aos interesses dos aprendizes e da grande comunidade de ensino e aprendizagem.

A UNESCO acredita que as TIC podem contribuir com o acesso universal da educação, a equidade na educação, a qualidade de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento profissional de professores, bem como melhorar a gestão, a governança e a administração educacional ao fornecer a mistura certa e organizada de políticas, tecnologias e capacidades.

A UNESCO aborda as TIC para a educação de forma abrangente por meio de uma plataforma intersetorial própria, focada no trabalho conjunto dos setores de Comunicação e informação, Educação, e Ciências, onde as questões sobre acesso, inclusão, equidade e qualidade na educação são tratadas.

A UNESCO – seus escritórios nacionais, regionais e institutos – em colaboração com seus parceiros, desenvolve recursos que podem ajudar os países a elaborarem TIC nas políticas, estratégias e atividades educacionais de forma efetiva, incluindo a garantia de que essas estratégias enfrentem desafios causados pela exclusão digital das populações mais desfavorecidas.

## 2. DESENVOLVIMENTO

O processo de alfabetização está diretamente ligado na codificação e decodificação de uma língua, onde o próprio ser humano possui comunicação com o meio social em que está inserido (FREIRE; MACEDO, 2006).

Ler e escrever são frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, refletindo o mesmo fenômeno de ângulos opostos: comunicação por meio da linguagem escrita. No entanto, há uma diferença fundamental entre as habilidades e conhecimentos usados na leitura e as habilidades e conhecimentos usados na escrita, da mesma forma que há uma diferença considerável entre o processo envolvido na aprendizagem da leitura e o processo envolvido na aprendizagem da escrita (SOARES, 2011).

De acordo com Soares (2011, p. 22), “aprender a ler e escrever, ao ver da escola, parece somente significar a aquisição de uma ferramenta para obtenção futura de conhecimentos”. Como a autora citou, o processo de alfabetizar, hoje, na maioria das escolas, está tendo o caráter de ensiná-las apenas com o objetivo de elas conhecerem o que se trata da leitura e da escrita. Os profissionais que ali dentro da escola estão, limitam seus alunos a conhecerem somente o que desejam. Não estão formando mais cidadãos críticos, com olhar diferenciado, sem questionamentos e curiosidade.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

Entende-se que alfabetização é um processo primordial da caminhada escolar, parte daí o desempenho do aluno, para dar continuidade aos seus estudos, portanto, a alfabetização é indispensável para uma vida plena em sociedade. O ensino da leitura e da escrita se tornou um desafio para os professores alfabetizadores pois se trata de uma difícil tarefa, que exige formação e aperfeiçoamento constate por parte do professor, precisa, também, ser paciente e ter “rigoriedade metódica” como nos disse Freire, (1996) quando o educador por meio de sua perseverança cria métodos para extrair e instigar o conhecimento em seus educandos.

O compromisso do professor de Educação Infantil, a sua responsabilidade fundamental, é ter e proporcionar a todos os seus alunos os recursos e oportunidades mais adequados para que possam assimilar os vários tipos de aprendizagem, sabendo que o próprio aluno é o principal responsável pela sua formação. Quando falamos em proporcionar as melhores condições e oportunidades a todos os alunos, queremos destacar justamente a disponibilidade de cada um dos alunos: aqueles que vão bem com a sua aprendizagem, e aqueles que têm dificuldades e precisam de apoios especiais, seja por deficiência mental., distúrbios de conduta, dificuldades de aprendizagem ou estão mais desprotegidos e vulneráveis em contextos familiares de risco ou pertencem a minorias culturais, como os imigrantes (SEVERINO, 2005). O autor ressalva que diante da vivência em sala de aula, constatamos que a professora que estava a frente da sala de aula, conseguia observar a dificuldade da maioria de seus alunos. Mas infelizmente, pouco ela fazia por eles, como a demanda do conteúdo não poderia parar, não poderia sofrer alterações de acordo com seu plano de aula, sobre alguns momentos ela fazia algo por eles. Atividades silábicas recorte e colagem de palavras de acordo com diversas imagens que estavam representadas no papel, até mesmo atividades para fazerem em casa, e que em sua maioria não eram correspondidas por algum motivo, deixando de ofertar apoio.

Para Ferreira (2011, p.13-14), “tentar-se-á demonstrar de que modo o objeto de conhecimento intervém no processo como tríade”. Sobre isso, pode-se dizer que em diversos aspectos o sujeito, quando envolvido dentro do processo de alfabetização, pode passar por diversos percalços, sendo assim, é de grande valia que o professor à frente da sala de aula, possa reverter esse quadro. Procurando sempre observar as dificuldades de sua turma e ajudar seus alunos dando apoio em conteúdo que os eles não tenham domínio nem conhecimento.

Entende-se que a alfabetização é um processo original de deslocamento escolar, que inclui o esforço do aluno para continuar seus estudos. Portanto, a alfabetização é essencial para uma vida plena em sociedade. O ensino da leitura e da escrita tornou-se um desafio para os alfabetizadores porque é uma tarefa difícil que requer treinamento e aperfeiçoamento na visão do professor. Ele também deve ser paciente e ter um “rigor metódico” como Freire (1996) nos disse quando o professor, através da perseverança, desenvolve métodos de extrair e valorizar o conhecimento de seus alunos.

A alfabetização deve estar ligada à alfabetização, termo que surgiu no Brasil na década de 1980 em meio a mudanças na educação, descobertas de diferentes formas de aprender a ler e escrever, a pensar e a agir. Isso porque os pesquisadores descobriram que o ato necessário de



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

aprender está ligado a múltiplos fatores, como família, sociedade e política. Todas as atividades sociais estão relacionadas de uma forma ou de outra e a educação não é diferente. A escola deve considerar que todos os fatores acima influenciam significativamente as ações dos alunos. Eles estão carregados de conhecimentos sobre suas experiências, por mais modestas que sejam, e seu conhecimento do mundo, do seu mundo, deve ser levado em consideração (SOARES, 2003). A autora também enfatiza que as estratégias de ensino da leitura são procedimentos que integram os aspectos cognitivos e metacognitivos característicos para descrever ou ditar o curso de uma ação e as estratégias são inteligentes, embora arriscadas, suspeitas quanto ao caminho mais apropriado. Leitura de estratégias de ensino nos dão a oportunidade de conhecer nossos conhecimentos, refletir, planejar e manter nosso desempenho.

A escola precisa ter a compreensão de que todos esses fatores influenciam fortemente, às ações praticadas pelos estudantes. Elas estão carregadas de conhecimentos de suas vivências, por pequenas que sejam, e o seu conhecimento, do seu mundo, deve ser levado em consideração. A partir do momento em que uma criança nasce numa sociedade grafocêntrica, rodeada de material escrito e de pessoas que usam a leitura e a escrita, vão conhecendo e reconhecendo desde cedo o sistema de escrita, diferenciando-o de outros sistemas gráficos, como os desenhos, gravuras, paisagens entre outros, quando ela chega à escola, cabe à instituição orientar formalmente esses processos, e é na educação infantil que se inicia o letramento, porém é um processo que perpassa todos os anos de escolaridade, se estendendo por toda a vida (SOARES, 2011).

Entende-se então, que alfabetização é um processo primordial da caminhada escolar, parte daí o desempenho do aluno, para dar continuidade aos seus estudos, portanto, a alfabetização é indispensável para uma vida plena em sociedade. O ensino da leitura e da escrita se tornou um desafio para os professores alfabetizadores pois se trata de uma difícil tarefa, que exige formação e aperfeiçoamento constate por parte do professor, precisa, também, ser paciente e ter “rigoriedade metódica” como nos disse Paulo Freire, (1996), quando o educador por meio de sua perseverança, cria métodos para extrair e instigar o conhecimento em seus educandos.

Ensinar uma criança ou adulto a ler e escrever não é apenas ensinar a desenhar ou copiar códigos, vai muito mais além, é preciso que eles compreendam esses códigos, dessa forma nos servimos das palavras de Soares (2003), sobre o assunto, no contexto da atual psicologia jurídica e escrita, linguagem e conceitos psicolinguísticos, o processo de entrada de crianças (e adultos analfabetos) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por meio dos seguintes dois processos: pela aquisição do sistema tradicional de escrita - alfabetização - e pela prática social da linguagem escrita, desenvolver as habilidades e alfabetização do sistema para usar o sistema em atividades de alfabetização.

Um sujeito alfabetizado, pode ser letrado ou não. Uma pessoa alfabetizada é aquela que simplesmente sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que compreende efetivamente o significado social do que se lê. Assim, alfabetizar letrando, é ensinar a ler



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

e escrever contextualizando com as práticas sociais. O sujeito deve ser alfabetizado e ao mesmo tempo letrado.

Nesse sentido, Soares (2006), afirma que a criança que não aprendeu a ler, mas folheou livros, fingiu ler, brincou, ouviu as histórias lidas para ela, rodeada de materiais escritos e ciente de seu uso e função, essa criança ainda é "analfabeta" porque ele não aprende a ler e escrever, mas ele entrou no mundo da alfabetização, de certa forma, ele já é alfabetizado. Que fique claro que o indivíduo é letrado naquilo que conhece bem independente de ser alfabetizado. No entanto, a criança conhece aquilo que é de seu convívio, por isso há necessidade de contextualizar a aprendizagem.

A leitura é uma atividade complexa que envolve pelo menos dois processos: o reconhecimento de palavras e a compreensão da linguagem (GOUGH; TUNMER, 1986).

Capovilla A e Capovilla F (2000), definiram três estratégias no desenvolvimento da leitura. Na primeira delas, a logográfica, as palavras são reconhecidas através de esquemas não verbais (cor da letra, do fundo, formato da palavra, o contexto). A palavra é vista como um todo e, neste caso, uma letra pode ser substituída sem que o leitor perceba. Esta fase perdura por volta dos 4/5 anos. A segunda, a alfabética, as palavras são analisadas em seus componentes (letras e fonemas) e são utilizadas regras de correspondência para a codificação e decodificação. A criança passa a ler corretamente palavras regulares, como por exemplo, mapa, bota e pipa, pois essas possuem correspondência entre som e letra, mas ainda não consegue ler palavras irregulares, como exército, princesa, pincel. Esta etapa perdura por volta dos 6/7 anos e a escreve conforme o som das palavras. E a última e não menos importante, a ortográfica, as palavras podem ser reconhecidas diretamente, sem conversão fonológica. Nesta fase a criança já tem acesso ao significado da palavra e pode utilizá-la na leitura. Além disso, já existe um domínio das regras ortográficas da língua. Esta estratégia inicia-se por volta dos 8 anos. Por exemplo, apesar da palavra "exército" ter o som de "z", a criança sabe que escreve com "x". A incorporação de uma nova estratégia de leitura não ocasiona o desaparecimento da outra.

Giroto (2011) nos ajuda a entender que o ler dialogicamente implica mover o centro do ato de significado de uma interação subjetiva entre a pessoa e o texto, em nível individual, para uma interação intersubjetiva entre crianças e/ou pessoas jovens e adultas em relação a este mesmo texto.

Em seu livro intitulado 'A pedagogia da Autonomia', Freire (2011) defende uma educação livre e uma pedagogia em que o oprimido passa a ser protagonista de sua própria história. Neste sentido, Sousa (2018) destaca a importância do aluno participativo e não apenas um espectador do seu processo de ensino e aprendizagem. Seguindo esta direção, a autora *loc. cit.* destaca a literatura como uma ferramenta para o alcance do protagonismo estudantil, por meio da valorização da arte como um procedimento aos processos de aprendizagem. Ainda segundo a mesma autora, "é a arte que proporciona a singularização dos objetos, sendo assim capaz de causar, mesmo que inconscientemente, a reflexão, a surpresa, o estranhamento e a desautomatização do indivíduo" (SOUSA, 2018, p. 160).





## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

Seguindo esta direção de pensamento, desde a publicação da Lei de Diretrizes e Bases, a literatura passou a ser considerada um importante instrumento de comunicação da cultura brasileira para a sua população (BRASIL, 1996). Contudo, segundo Sousa (2018), ainda hoje a maior parte das aulas de literatura consideram como método um estudo historiográfico tradicional, por meio do qual a construção do conhecimento sobre tais temas torna-se desmotivadora e cansativa, especialmente para os adolescentes.

Conforme descrito por Sousa (2018), a literatura consiste em uma experiência inovadora, a partir de um texto, e socialmente impõe um limite entre o leitor e o contexto em que ele vive. Em outras palavras, a literatura proporciona ao leitor uma surpresa e até um estranhamento ao perceber que o ato de ler pode lhe causar uma desautomatização do indivíduo. É capaz também de problematizar verdades estabelecidas. É papel do professor despertar o aluno da inércia, a partir de um texto literário, propondo estratégias que favorecem que esses aceitem tal estranhamento e abram suas mentes para uma nova percepção. Barthes (1981) ressalta que são muitos os caminhos que podem ser seguidos pelos leitores, desde fruição ao gozo.

Segundo Sousa (2018), desde a publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), a literatura passou a ser considerada um instrumento para a expressão cultural, sendo que deve haver certo grau de comprometimento com a educação dos jovens frequentadores do ensino médio. Neste sentido, Wittke (2012) sugere mudanças na metodologia de ensino deste nível escolar, no que tange o ensino da literatura em sala de aula, e propõe a adoção desta disciplina a parte da dos principais gêneros textuais frequentemente escritos no Brasil. Para Sousa (2018) faz-se necessária a mudança de postura das escolas e dos professores, ao que se refere a disciplina de literatura. Isso porque, segundo o autor, a escola deve priorizar pela promoção da criatividade no processo de construção do conhecimento do aluno e pelo aluno.

### 3. MÉTODO

A metodologia deste estudo é uma revisão bibliográfica, inserida prioritariamente no meio acadêmico, visando o avanço e atualização do conhecimento por meio da investigação científica de trabalhos publicados. Para Perovano (2016), a revisão bibliográfica é uma habilidade essencial para a graduação, pois constitui a primeira etapa de qualquer atividade acadêmica.

Pesquisa descritiva ou métodos de pesquisa descritiva são procedimentos usados na ciência para descrever as características de um fenômeno, sujeito ou população a ser estudada. Ao contrário dos métodos analíticos, não descreve por que um fenômeno ocorre, mas simplesmente observa o que acontece sem procurar uma explicação, que visa descrever o estabelecimento de relações entre características ou variáveis de populações ou fenômenos específicos (FERREIRO, 2011).

Para Müller (2013), uma análise qualitativa completa interpreta o conteúdo do discurso ou fala cotidiana dentro de um quadro de referência, onde a ação e a objetivação nas instituições permitem ir além da informação óbvia e alcançar o significado potencial.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura é uma atividade complexa que envolve pelo menos dois processos: o reconhecimento de palavras e a compreensão da linguagem (GOUGH; TUNNER, 1986).

O processo de alfabetização está diretamente ligado na codificação e decodificação de uma língua, onde o próprio ser humano possui comunicação com o meio social em que está inserido (SOARES, 2011).

Atividades silábicas recorte e colagem de palavras de acordo com diversas imagens que estavam representadas no papel, até mesmo atividades para eles fazerem em casa, e que em sua maioria não eram correspondidas por algum motivo (FERREIRO, 2011).

Sobre isso, pode-se dizer que em diversos aspectos, o sujeito, quando envolvido dentro do processo de alfabetização e leitura, pode passar por diversos percalços, sendo assim, é de grande valia que o professor à frente da sala de aula, possa reverter esse quadro. Procurando sempre observar as dificuldades de sua turma e ajudar seus alunos dando apoio em conteúdo que eles não tenham domínio nem conhecimento.

Entende-se que alfabetização é um processo primordial da caminhada escolar, parte daí o desempenho do aluno, para dar continuidade aos seus estudos, portanto, a alfabetização é indispensável para uma vida plena em sociedade. O ensino da leitura e da escrita se tornou um desafio para os professores alfabetizadores pois se trata de uma difícil tarefa, que exige formação e aperfeiçoamento constata por parte do professor, precisa, também, ser paciente e ter “rigoriedade metódica” como nos disse Freire, (1996) quando o educador por meio de sua perseverança cria métodos para extrair e instigar o conhecimento em seus educandos (SOARES, 2011).

A alfabetização precisa estar associada à leitura, termo que surgiu no Brasil na década de 80, diante das mudanças que ocorriam na educação, frente as descobertas das várias maneiras de se aprender a ler e escrever, de pensar, de agir; e isso porque, enfim, pesquisadores constataram que o ato de aprender precisava estava ligado a diversos fatores, questões como família, sociedade e política. Todas as atividades sociais estão de certa forma, interligadas, e na educação isso não é diferente. A escola precisa ter essa percepção de que todos esses fatores supracitados influenciam, de maneira substancial, às ações praticadas pelos estudantes. Elas estão carregadas de conhecimentos de suas vivências, por pequenas que sejam, e o seu conhecimento de mundo, do seu mundo, deve ser levado em consideração (SOARES, 2004).

As TICs são as Tecnologias da Informação e Comunicação, elas dizem respeito a formas tecnológicas distintas de comunicar e informar por meio das funções de *hardware*, *software* e telecomunicações. São utilizadas em diversos segmentos, mas neste texto, falaremos da sua presença no ensino e aprendizagem.

Antes de irmos mais a fundo neste tema, gostaria que os professores pudessem desmistificar a ideia das tecnologias na educação como algo que tivessem que escolher ou não trabalhar.

Sabemos que muitos colegas resistem à evolução do ensino trazida pela modernidade, mas a questão que se coloca aqui não é em julgar as tecnologias como boas ou ruins, ou ainda, optar por





## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

trabalhar ou não nesta proposta. As tecnologias, sempre serão tecnologias, e serão boas ou não dependendo da forma que a utilizarmos, ou seja, o professor não será substituído, como alguns pensam, pois ele será o mediador, aquele com o potencial criativo jamais ocupado pelas máquinas. É o professor que terá em suas mãos a possibilidade de transformar uma tecnologia num bom recurso.

Sabe-se que cada vez mais a tecnologia se torna importante na forma de nos comunicarmos, aprendermos e vivermos, por isso, a UNESCO acredita que as TICs podem contribuir com a equidade e acesso universal da educação, com a qualidade de ensino e aprendizagem e a elevação dos níveis dos mesmos, com o desenvolvimento profissional de professores, bem como melhorar a gestão e a administração educacional ao fornecer políticas, tecnologias e capacidades.

Não há dúvida que a tecnologia veio para contribuir. Outro exemplo disso são os recursos oferecidos pela Edqua.me ao professor.

Mas, será que o professor realmente está capacitado para trabalhar com um computador em sala de aula? Tem condições de criar um *blog*, página no Facebook ou ainda publicar um vídeo da sua melhor aula no YouTube?

Esses e outros questionamentos devem ser considerados pelos coordenadores e diretores de escola, antes de inserirem a tecnologia em seus espaços educacionais. Diante de um cenário, onde a tecnologia é desconhecida ou rejeitada por um dos seus principais protagonistas, que é o professor, é primordial a necessidade de capacitação e envolvimento com as ferramentas. É importante que o professor possa conhecer, testar, experimentar e se ver como capaz de enfrentar este novo desafio.

Não é apenas o usar por usar ou ainda uma busca de informações e de conteúdos. Trata-se, na verdade, do processo de construção do conhecimento. Na educação presencial, as TICs são vistas como potencializadoras dos processos de ensino – aprendizagem, ou seja, são uma ferramenta de aprendizagem que permite o acesso e a oportunidade para todos.

Outra contribuição da tecnologia é o acesso à aprendizagem e a comunicação entre as pessoas com necessidades educativas especiais (NEE). Pessoas com deficiências sensoriais como a cegueira e a surdez, utilizam recursos tecnológicos como meio de comunicação e aprendizagem da leitura. Pessoas com paralisia cerebral, por exemplo, fazem uso da comunicação alternativa e aumentativa, para interagirem e comunicarem o que sentem, pensam e desejam.

Há pesquisas que apontam o desenvolvimento de aplicativos para tablets, aparelhos telefônicos móveis que auxiliam até crianças com dislexia a interpretar melhor a leitura, assim como a possibilidade de transformar um texto escrito em áudio para os cegos.

Esta é a riqueza da tecnologia que deve ser explorada pelo educador, algo que vem a somar ao ensino e a aprendizagem.

A Tecnologia é a aplicação de um conhecimento, de um “saber como fazer”, de procedimentos e recursos para a solução de um problema no nosso cotidiano.

O professor deve aprender a ler e a escrever as diferentes linguagens, e as diversas técnicas de informação e de comunicação, assim como as distintas representações usadas nas diversas tecnologias.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

A identidade do docente como ator e autor se estabelece no sentido de ser professor, e confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus princípios e dos seus valores, o modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações e saberes, e de sua rede de relações com outros funcionários da educação.

As tecnologias se caracterizam por: tecnologias de informação, tecnologias de comunicação, tecnologias interativas, tecnologias colaborativas. As tecnologias de informação são as formas de gerar, armazenar, veicular e reproduzir a informação. As tecnologias de comunicação são as formas de difundir informação, incluindo as mídias mais tradicionais, da televisão, do vídeo, das redes de computadores, de livros, de revistas, do rádio etc. Com a associação da informação e da comunicação há novos ambientes de aprendizagens, novos ambientes de interação.

A Tecnologia Interativa é a elaboração concomitante por parte do emissor (quem emite a mensagem) e do receptor (quem recebe a mensagem), codificando e decodificando os conteúdos, conforme a sua cultura e a realidade onde vivem. As tecnologias interativas se dão através da televisão a cabo, vídeo interativo, programa multimídia e internet.

As tecnologias colaborativas facilitam as interações entre pessoas e o mundo, permitem um trabalho em equipe satisfatório, e com as diferentes linguagens proporcionam tipos diferentes de aprendizagens.

Na agenda do século XXI, o professor deve colocar as tecnologias como aliadas para facilitar o seu trabalho docente. Deve-se usá-las no sentido cultural, científico e tecnológico, de modo que os alunos adquiram condições para enfrentar os problemas e buscar soluções para viver no mundo contemporâneo. Ao professor cabe o processo de decisão e condução do aprendizado. De acordo com Gadotti, o professor deve ser um aprendiz permanente e um organizador da aprendizagem. Esclarecemos que um ambiente de aprendizagem não pode se transformar em mero transmissor de informações, mas, na efetivação da comunicação e construção colaborativa do conhecimento.

### 5. CONCLUSÃO

Diante do exposto pode-se compreender que a leitura é de fundamental importância no processo de alfabetização, não só da alfabetização como durante toda a fase escolar, como também, na própria vida. No que tange à prática social experimentamos os mais diferentes pontos de vista, qual nos esclareceu, o trabalho em questão, que não pode haver práticas de alfabetização dissociadas da realidade do alfabetizando, ou mesmo durante toda a sua escolarização.

O contexto é a peça fundamental para que se parta dele a construção dos conhecimentos. Os professores principalmente os dos anos iniciais, que irão alfabetizar crianças, precisam iniciar esse processo sempre partindo daquilo que seus alunos já conhecem, afinal, eles já são letrados em distintas coisas, cabe aos professores descobrirem através do diálogo o que eles trazem de conhecimento. Entendemos, também, nesta exposição, o porquê, de tantos alunos saírem da escola analfabetos funcionais, afinal não foi, a muitos deles, oferecida a oportunidade de contextualização, recebendo um ensino fragmentado e descontextualizado.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

Cabe aos professores tomar consciência disso e sempre refletir sobre nossa prática em sala de aula, pois é nela que a aprendizagem acontece efetivamente. A escola precisa formar constantemente seus professores, trabalhar com eles sobre a importância da leitura no processo de alfabetização com o uso das tecnologias digitais.

### REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. Da palavra à escrita. In: \_\_\_\_\_. **O Grão da Voz**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BRASIL. **Lei no. 9.394**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf).
- CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de Leitura e Escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica, São Paulo: Memnon, 2000.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CYNTRÃO, S. H. No Title Biografia como Gênero: o alto literário. **Cerrados: Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura**, v. 21, n. 15, 2006.
- FARIAS, A. DA C. **Material impresso e gêneros textuais**. 2. ed. Florianópolis: IFSC, 2014.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **A pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **A pedagogia da autonomia**. 25 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GIROTTI, Vanessa C. **Leitura Dialógica**: primeiras experiências com Tertúlia Literária Dialógica com crianças em sala de aula. 2011. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- GONÇAVES, A. V. **Gêneros textuais na escola**: da compreensão à produção. Dourados: Editora da UFGD, 2011.
- GOUGH, P. B.; TUNNER, W. E. Decoding, reading & reading disability. **Remedial and Special Education**, v. 7, p. 6-10, 1986.
- MÜLLER, Antônio José (Org.) et al. **Metodologia Científica**. Indaial: Uniasselvi, 2013
- PEROVANO, Dalton Gean. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. Curitiba: Ed. Intersaberes, 2016
- SANTOS, S. P. DOS; ZINANI, C. J. A. Gêneros textuais e a leitura literária: a formação do leitor. In: SANTOS, S. P. dos.; ZINANI, C. J. A. (Eds.). V Simpósio Internacional de estudos de Gêneros Textuais. **Anais [...]** Caxias do Sul: SIGET, 2009.
- SILVA, M. D. X.; NASCIMENTO, S. DE S.; SILVA, M. R. As contribuições dos gêneros textuais no estudo de língua portuguesa: uma combiação que dá certo. SILVA, M. D. X.; NASCIMENTO, S. de S.; SILVA, M. R. (Eds.) V Encontro de Iniciação à docência da UEPB. **Anais [...]** Campina Grande: UEPB, 2015.
- SILVA, W. R. Gêneros textuais em aulas de língua portuguesa no ensino médio brasileiro. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 15, n. 2, 2012.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

LEITURA, TECNOLOGIA E ESCOLA: O QUE ENSINAMOS? COMO ENSINAMOS?  
Ueudison Alves Guimarães, Danyelli Lacerda de Souza, José Matias Leal Bezerra, Lwanga de Souza Fernandes

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./fev./mar./abr., 2004.

SOUSA, C. G. DE. literatura na sala de aula: desafios na contemporaneidade. *In*: COELHO, F. A. C.; SILVA, J. E. DO N.; ARAUJO, L. D. (Eds.). **Literatura, leitura e gêneros textuais**: contribuições do/ao ensino de língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.

WITTKE, C. I. **Gêneros Textuais**: perspectivas teóricas e práticas. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2012.

ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. P. DOS. Ensino de literatura e gêneros textuais: um desafio de nosso tempo. ZINANI, C. J. A.; SANTOS, S. P. dos. (Eds.). V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. **Anais [...]** Caxias do Sul: SIGET, 2009.